

OFICINA DE FOTOGRAFIA: UMA JANELA ABERTA PARA O DESCONHECIDO

Marília Fontenele Magalhães Muniz¹
Mônica Maria Matias Muniz²

1

1 INTRODUÇÃO

O projeto “Fotografia: uma janela aberta para o desconhecido” é fruto da disciplina de eletiva ministrada nas turmas de nono ano do Colégio Oliveira Castro. Com o objetivo de que os participantes dessa disciplina coloquem em prática o que foi ensinado em sala de aula. O desafio é despertar nos alunos a sensibilidade mesmo estando em espaços formais (como a escola).

A partir dessa proposta, escolhemos como local de aplicação dessa oficina o Colégio Oliveira Castro, Caucaia – Ceará, com o propósito de inserir a fotografia como método pedagógico para o autoconhecimento e o conhecimento do espaço “fora do eu”. Os participantes estão na faixa etária 14 a 15 anos. A oficina visou desenvolver ações de respeito às diferenças, aproximação entre os alunos e o incentivo à descoberta da sensibilidade ao perceber os detalhes ao redor de cada eu. Sendo assim, fizemos uso de técnicas de sensibilização, de desenvolvimento do senso crítico e de ações reflexivas sobre o próximo e sobre ele mesmo como agente transformador e participante ativo no meio em que habita. E, para se caracterizar como uma prática que vise o desenvolvimento sócio emocional, o agente aplicador deve se caracterizar como facilitador das ações e incitador de questionamentos.

2 METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas com os adolescentes envolviam a aproximação, com apresentações e um bate-papo sobre as relações em sala. Durante a conversa, tentamos absorver as experiências de relacionamento entre o grupo e o espaço que os circunda. Coube também ressaltar o valor das relações no convívio dentro do espaço escolar. Depois da conversa, pedimos que eles caminhassem pela escola em busca de detalhes que

¹ Graduanda em letras pela Universidade Federal do Ceará - Ceará mariliamuniz@hotmail.com

² Professora Mestra- Curso de Letras pela Universidade Estadual do Ceará - Ceará monicamunizz@yahoo.com.br

lhe parecessem algo novo, desconhecido. Algo que ainda não tivessem despertado para a visão; e em seguida, foi solicitado que registrassem as descobertas e socializassem com um colega ressaltando o que achavam de mais bonito e o que os tornam diferentes.

Os registros foram enviados para o aplicador via whatsapp e duplas foram formadas para que um fosse o observador do outro. A pergunta motivadora foi “O que te chama atenção na escolha do colega?”. A partir desse questionamento, os alunos entraram em um momento de interação e de desenvolvimento do olhar. Após o momento de contemplação, eles descreveram o trabalho um do outro, ressaltando características de cada escolha e os motivos que fizeram com que o elemento fosse escolhido e envolvendo estimulação do lúdico.

Antes do momento de reflexão e de compartilhamento dos registros fotográficos, apresentamos alguns artistas que faziam telas de flashes da vida cotidiana como meio de disseminação da sensibilidade e de perpetuação da própria emoção ao descobrir o novo naquilo que parecia ser trivial. Durante o diálogo, falamos sobre artistas que fotografam o inusitado. E lembrando sempre, junto aos participantes da oficina, a questão do respeito às diferenças e trazendo reflexões sobre aceitação das escolhas, pedimos que eles, com as câmeras fotográficas ou celulares, registrassem a luz e os efeitos dela no ambiente em que nos encontrávamos. Foram utilizadas 3 (três) câmeras compactas as quais estavam configuradas no automático e sem flash, uma vez que a sala possuía iluminação suficiente. Demos instruções básicas de luz e contraluz, o enquadramento, foco e composição de cores. Tentamos incitar em cada participante a procura pelo único e o desenvolvimento do fazer fotográfico como arte, como instrumento de reconhecimento do mundo que os cercam.

Por último, houve um momento de novo compartilhamento dos novos registros feitos por eles e uma última conversa sobre o que eles haviam conseguido adquirir de aprendizado durante a oficina e sobre quais sensações foram vivenciadas. Algo que pudemos perceber, enquanto os auxiliava no manuseio da câmera, foi que algumas crianças possuem um senso incrível de enquadramento, de cores e de luz. Como ponto de chegada, os registros fotográficos foram impressos e alguns compuseram o painel da sala durante uma semana.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 FOTOGRAFIA E A ARTE – EDUCAÇÃO

A relação do homem com imagem é antiga, sendo esta empregada como método de reconhecimento de si próprio e do mundo ou apenas como meio de comunicação entre os povos. E a fotografia permanece como um registro do correr temporal que possui multifunções e, dentre elas, uma de relevante significação social: ser fonte histórica. Niépce e Daguerre, em uma união feliz de distintas inteligências, deram início ao que hoje se entende por fotografia. Isso ocorreu em meio ao século XIX e, segundo Ana Maria Mauad (1996, p.74), o encanto “transformou-a num duplo de realidade, num espelho, cuja magia estava em perenizar a imagem que refletia.”. Ou seja, naquela época, o ato de fotografar era tido como mágico e sua difusão atçou, no meio artístico, grande comoção, uma vez que a sua fidelidade ao real é irrefutável, diferente do que se encontrava em relação à pintura. Durante esse século, Baudelaire³, em seu artigo “O público moderno e a fotografia”, separa a fotografia da arte, tratando aquela como um mecanismo de memória da realidade e esta como a própria criatividade e fruto da sensibilidade humana.

Com o passar dos anos, nasce o movimento pictorialista com o intuito de que a visão documental da fotografia seja modificada e passe a ser aceita como arte (Costa e Ferreira, 1995). A partir dessa mudança, ações foram criadas e relacionadas à Arte Educação utilizando a fotográfica como plataforma.

A Arte-Educação pode ser definida, segundo Ana Mae Barbosa⁴, como “todo e qualquer trabalho consciente para desenvolver relação de públicos (criança, comunidades, terceira idade etc.) com a arte.”. Ou seja, é tornar a arte método de aproximação entre as pessoas, oferecer momentos de fazer artístico, de leitura das obras e de contextualização. Partindo dessa prerrogativa da arte como fazer artístico, a arteterapeuta Claudia Colagrande (2010) desenvolveu a metodologia espiral, na qual a dinâmica do convívio incita que o indivíduo aguça sua sensibilidade de dentro pra fora.

Sendo assim, o processo busca o encontro com a totalidade através do autoconhecimento e, além disso, é um meio de reaprender a olhar o mundo. Essa metodologia se consolida na prática com cinco (5) fases:

- Sensibilização: momento de aproximação com os participantes da oficina;
- Motivação: período de reflexão sobre o tema abordado;
- Criação: hora do fazer artístico;
- Contemplação: apreciar as produções, o que pode ser externado de cada indivíduo;
- Análise: análise verbalizada sobre o momento.

Tendo como base a metodologia espiral e os conceitos de Arte-Educação, o fazer artístico torna-se o fazer fotográfico, envolvendo a câmera como plataforma de reconhecimento.

3.2 A OFICINA DE FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO EMOCIONAL

A linguagem fotográfica, segundo Santaella e Nöth (2005), é a única que possui conexão existencial entre a imagem e o objeto retratado, ou seja, ela passa a ser um instrumento capaz de documentar momentos, revelar sentimentos e/ou transmitir mensagens. Segundo Confúcio, filósofo chinês que viveu em 470 a.C., “uma imagem vale mais que mil palavras”. A partir dessas afirmativas, é possível enxergar a fotografia como um meio polivalente de transmissão de informações e de conhecimentos. E, dentro dessa perspectiva, a ação de fotografar pode ser considerada interdisciplinar que, segundo Brasil (1999, p.89) é uma confluência de disciplinas “(...) a partir da compreensão das múltiplas causas e fatores que intervêm sobre a realidade (...)”.

Segundo SOARES (1999, p.57), “Há necessidade de teorização e de reflexão crítica sobre projetos para que se constitua esse campo, tornando-o um novo espaço de luta material e discursiva.”, ou seja, são ações de intervenção que despertem no indivíduo o poder de expressão e se enxergar no mundo como atuante. Ismar Soares (1999, p.57) afirma que é “... a partir da prática e do interdiscurso que se apoia na concepção de um novo sujeito, de uma nova espacialidade, de uma nova temporalidade e de uma nova construção do significado e da práxis”. E apoiada em tal afirmação a oficina “Fotografia: uma janela aberta para o desconhecido” foi pensada como forma de estimular ações inclusivas e de autoconhecimento, uma vez que se torna necessária a reconstrução de significados, de espacialidade e do sujeito, a reflexão e o fazer (prática de produção de conhecimento) configuram-se como atividades essenciais para o desenvolvimento da habilidade de lidar com as emoções dentro do contexto social, tal seja, a escola.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina foi realizada com 22 adolescentes da faixa etária entre 14 e 15 anos do Colégio Oliveira Castro, Caucaia - Ceará. O objetivo era desenvolver a capacidade de observação do espaço fora do “eu” e a sensibilidade para o olhar diferente diante do

trivial. Esperamos que fossem aguçadas as emoções e que os participantes começassem a olhar diferente para os espaços que os cercam.

Ao receber a missão de aplicar uma oficina de fotografia, houve uma grande expectativa, pois não saberíamos como se poderia trabalhar com fotografia no espaço escolar. Após estudos e análises sobre o assunto, planejamos as aulas de práticas em fotografia, conseguimos estabelecer como iríamos realizar as atividades dentro de sala de aula com adolescentes, que são mais resistentes ao lidar com as emoções e sempre dificultam um pouco a participação. No entanto, o caráter lúdico da disciplina eletiva e o manusear as câmeras os motivaram a participar de modo espontâneo e efetivo.

Durante a oficina, pudemos perceber que aqueles adolescentes recebiam poucas atividades lúdicas e que a realidade deles influencia muito nas relações sociais e no compartilhamento das emoções.

Pudemos notar que existe uma grande afinidade dos participantes com a fotografia, uma vez que aquela área possui como foco principal o fazer artístico, trazendo para o ser humano a realidade de que é possível que ela faça, seja por meio de desenhos ou pelo fotográfico. Durante a oficina, a sensibilidade se transfigurou por meio do fazer fotográfico, da relação entre o adolescente, seus sentimentos e a câmera. Por meio da fotografia, os participantes conseguiram se revelar e se expor oralmente diante dos colegas e mostrar como são capazes de observar o que os cerca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de práticas como essa, que suscitam os adolescentes ao fazer artístico, a produzir conhecimento e desenvolver habilidades sócio emocionais, a ação planejada consolida-se, pois o participante começa a se enxergar como protagonista da sua própria história. Porém, a realização de projetos como esse não é considerada comum, o ensino continua bancário e distante do que pensava Paulo Freire, que defendia que conhecimento serve para produzir autonomia e que o aluno é peça chave para o processo dialógico de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, consideramos prudente uma reflexão acerca do uso planejado dos equipamentos tecnológicos dentro do ambiente escolar como forma de suscitar o desenvolvimento de metodologias que induzam a prática, pois é a partir do fazer e da reflexão que se constrói o conhecimento.

Palavras-chave: Fotografia, Sensibilidade, Ludicidade, Desconhecido, Sócio emocional

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Myriani Maganin. Fotografia e Comunicação: desenvolvimento da realidade. Universidade Presidente Antônio Caldas, Juiz de Fora, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil – Realidade hoje e expectativas futuras. Tradução: Sofia Fan. Estud. Av. Vol.3 n°7, São Paulo Set/Dez, 1989.

COLAGRANDE, Claudia. Arte terapia/ Metodologia espiral. Disponível em Acesso em 27/09/2014 2010.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n°2, 1996, p.72-98.

MONTEIRO, Mario Bitt. Teoria dos universos circundantes-percepção, espaço e fotografia: uma abordagem metodológica. Biblioteconomia & Comunicação – UFRGS. Vol. 8, p. 261-271.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. Comunicação e semiótica. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson. Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. Organização. Jurema Brasil Xavier. São Paulo: ABPEducom.